



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO
E À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

ANA LUÍSA NEIVA BRANDÃO

LÍNGUAS ARTIFICIAIS E OS ESPAÇOS QUE OCUPAM:
uma análise sobre sua formação e difusão na sociedade

Brasília, 2024

Ana Luísa Neiva Brandão

**LÍNGUAS ARTIFICIAIS E OS ESPAÇOS QUE OCUPAM:
uma análise sobre sua formação e difusão na sociedade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA - MSI).

Orientador: Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho.

Brasília, 2024

Resumo

Essa pesquisa tem como objetivo compreender o espaço das línguas artificiais na sociedade, relacionando línguas artificiais com cultura e sociedade. A construção teórica do presente artigo é baseada em levantamentos bibliográficos e pesquisas documentais. Para isso, inicialmente, faz-se um breve panorama sobre o surgimento das línguas artificiais, conceituando-as e classificando-as. Os conceitos de comunidade de prática e comunidade de fala são explorados, a fim de compreender como as línguas artificiais conquistam seu espaço na sociedade. Em seguida, inicia-se uma análise sobre o espaço das línguas artificiais na sociedade, de duas formas distintas: i) de forma subjetiva, buscando compreender qual o prestígio das línguas artificiais e ii) de forma objetiva, buscando compreender onde as línguas artificiais se disseminam (espaço físico ou espaço virtual). Por fim, é feita uma relação entre línguas artificiais, cultura e sociedade, utilizando-se dos conceitos de ciberespaço e cibercultura como exemplos práticos da relação construída.

Palavras-chave: línguas artificiais; comunidade de prática; comunidade de fala; ciberespaço; cibercultura.

Abstract

This research aims to understand the space of artificial languages in society, and to relate artificial languages to culture and society. In the beginning, a brief overview is provided on the emergence of artificial languages, which includes conceptualization and classification. The concepts of community of practice and community of speech are explored in order to understand how artificial languages gain their place in society. This is followed by an analysis on the space of artificial languages in society, in two distinct ways: i) subjectively, seeking to understand what is the prestige of artificial languages and ii) objectively, seeking to understand where artificial languages are spread (physical space or virtual space). Finally, a connection is established between artificial languages, culture and society, using the concepts of cyberspace and cyberculture as practical examples of the built relationship.

Keywords: artificial languages; community of practice; speech community; cyberspace; cyberculture.

Resumen

El objetivo de esta investigación es comprender el papel que desempeñan las lenguas artificiales en la sociedad, relacionándolas con la cultura y la sociedad. Para ello, comenzamos con un breve repaso de la aparición de las lenguas artificiales, en el que se conceptualizan y clasifican. Se exploran los conceptos de comunidad de práctica y comunidad de habla para comprender cómo las lenguas artificiales conquistaron su espacio en la sociedad. A continuación, se analiza el lugar que ocupan las lenguas artificiales en la sociedad de dos maneras distintas: subjetivamente, tratando de comprender su prestigio, y objetivamente, tratando de

entender dónde se extienden (espacio físico o espacio virtual). Por último, se establece un vínculo entre las lenguas artificiales, la cultura y la sociedad, utilizando los conceptos de ciberespacio y cibercultura como ejemplos prácticos de la relación construida.

Palabras clave: lenguas artificiales; comunidad de práctica; comunidad de habla; ciberespacio; cibercultura.

"La lingvo estas la plej granda kaj plej potenca instrumento de la penso"
(ZAMENHOF, L. L)

Introdução

A comunicação é essencial para o desenvolvimento do ser humano, e a língua é uma das formas pelas quais a comunicação se desenvolve. As línguas naturais surgiram espontaneamente, devido a necessidade de comunicação ao se viver em sociedade. Em contraste a estas, existem as línguas artificiais, que inicialmente também surgiram devido a necessidade de comunicação, mas nesse caso, a necessidade de melhorar a comunicação, com a criação de uma língua “perfeita e sem falhas”. Ou seja, as línguas artificiais não surgem organicamente, pelo contrário, elas são totalmente criadas e planejadas.

Em um mundo onde diversas línguas naturais já existem, a criação de línguas artificiais se dá devido a grandes motivações e aspirações. A motivação primordial era a de criar uma língua universal, a fim de acabar com as barreiras linguísticas na comunicação internacional. Esse é o caso do Esperanto, língua artificial criada pelo linguista e médico polonês Ludwig Lazar Zamenhof, em 1887. Com o passar dos anos as motivações mudaram, e hoje em dia línguas artificiais são criadas por motivos diversos, como por exemplo, para uso em produções artísticas. Nesse caso, pode-se citar o Klingon, língua artificial criada para a série de televisão *Star Trek*.

O desejo de iniciar essa pesquisa surgiu após meu primeiro contato com línguas artificiais na série americana “The 100”. Na época, eu estava iniciando minha graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e a Sociedade da Informação (LEA-MSI), ou seja, ainda estava descobrindo o universo das línguas e suas aplicabilidades. Por isso, me surpreendi ao me deparar com uma língua inventada sem nenhum motivo aparente. No decorrer dos semestres, a vivência na universidade fez com que minha curiosidade sobre as línguas artificiais aumentasse.

¹“A língua é o maior e mais poderoso instrumento do pensamento” (Citação original em Esperanto).

Disciplinas como: Fundamentos da Sociedade da Informação; Multilinguismo no Ciberespaço e Métodos e Técnicas Aplicadas ao Multilinguismo contribuíram para isso. Inicialmente, meu questionamento em relação às línguas artificiais se resumia à motivação para sua criação, mas com o passar do tempo outros questionamentos surgiram, tais como: Quando as primeiras línguas artificiais foram criadas? Quem fala essas línguas? Além disso, passei a me questionar sobre como estas línguas se difundem na sociedade. Seria o Ciberespaço o ambiente perfeito para isso? Como graduanda de um curso que explora esse ambiente, a ideia parecia no mínimo empolgante. Percebi, então, que nasceu em mim um questionamento maior a respeito da relação entre estas línguas e a sociedade. Com minha pesquisa, busco responder esses questionamentos e compreender o papel das línguas artificiais na sociedade, por meio da relação entre línguas artificiais, cultura e sociedade.

O presente trabalho é classificado como uma pesquisa exploratória, visto que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com o intuito de torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses (Gil, 2008). Esta pesquisa tem os seguintes objetivos: i) objetivo geral: compreender o espaço das línguas artificiais na sociedade, relacionando línguas artificiais com cultura e sociedade e ii) objetivos específicos: a) compreender o conceito e a classificação de línguas artificiais; b) identificar onde e como as línguas artificiais se difundem (espaço físico e espaço virtual) e c) discutir a relação entre línguas artificiais, cultura e sociedade. A construção teórica do presente artigo é baseada em levantamentos bibliográficos e pesquisas documentais.

1. Línguas Artificiais: conceito, motivação e classificação

Conceituando línguas artificiais

A comunicação é inerente ao homem, por isso, desde tempos remotos, o ser humano busca formas de se comunicar. É a partir dessa necessidade de comunicabilidade que surgem as línguas naturais, que são um fenômeno biológico e social desde a pré-história (Adams, 2011). “Embora gostemos de falar que a língua foi a melhor invenção do homem, de forma alguma ela foi inventada. As línguas que

falamos não foram criadas de acordo com um plano ou design”² (Okrent, 2009, p.7, tradução minha). Assim, pode-se conceituar as línguas naturais como sistemas linguísticos que surgem natural e espontaneamente, devido à necessidade de comunicação entre pessoas. Em contrapartida, existem as *conlangs*. Enquanto uma língua natural surge e evolui por meio de um processo natural de linguagem, as *conlangs* são completamente planejadas.

Conlangs - do inglês *constructed languages*, que significa línguas construídas - são línguas criadas conscientemente e com alguma motivação específica, ou seja, elas não seguem a progressão natural de desenvolvimento de uma língua (Okrent, 2009). Também podem ser chamadas de línguas artificiais, línguas inventadas ou línguas planejadas. “A língua artificial é todo idioma construído e definido por um pequeno grupo de pessoas, diferentemente da linguagem definida a partir da evolução cultural de determinados povos” (Miranda, 2010, p.23). Dessa forma, as línguas artificiais são entendidas como sistemas linguísticos criados com propósitos específicos e diversos, a fim de facilitar a comunicação. O processo de criação de uma língua artificial, por sua vez, é chamado de *conlanging* (Rowan, 2020).

Motivação para a criação de línguas artificiais

Apesar de não serem popularmente discutidas, as línguas artificiais não são criações recentes. Na verdade, elas podem ser traçadas desde os tempos remotos, incluindo os antigos gregos (Emrys, 2009). “O desejo de inventar línguas é tão antigo e persistente quanto a língua em si”³ (Okrent, 2009, p.14, tradução minha). “Por um lado, existem muito mais línguas inventadas do que se poderia imaginar - conhecemos cerca de mil ao redor do mundo e ao longo da história, e na verdade, só podemos adivinhar quantos projetos acabaram no fogo ou num ninho de rato”⁴ (Adams, 2011, p.2, tradução minha).

A Língua Ignota, criada pela freira Hildegard Von Bingen, no século XII, foi a primeira língua artificial documentada e considerada funcional. Acredita-se que a

² “Although we like to call language mankind’s greatest invention, it wasn’t invented at all. The languages we speak were not created at all. The languages we speak were not created according to any plan or design” (Okrent, 2009, p.7).

³ “The urge to invent languages is as old and persistent as language itself” (Okrent, 2009, p.14).

⁴ “For one thing, there are many more invented languages than one might guess - we know about nearly a thousand around the world and throughout history, in fact, and we can only guess at how many schemes ended up in the fire or a mouse’s nest” (Adams, 2011, p.2).

motivação de Hildegard para a invenção desta língua tenha sido uma inspiração divina, ou seja, uma motivação majoritariamente religiosa. Ainda assim, esta língua foi planejada e organizada cuidadosamente, o que mostra o trabalho de um inventor de línguas, que mais tarde passa a ser chamado de *conlanger*. A invenção de uma língua demanda trabalho e esforço; e muitas vezes o processo pode ser intimidador. Por isso, ninguém tentaria inventar uma língua sem um sério propósito ou aspiração (Adams, 2011).

Ainda que a primeira língua artificial documentada tenha tido uma motivação religiosa, a causa primordial para a criação de línguas se relacionava à insatisfação acerca das línguas já existentes. A intenção de grande parte dos *conlangers*, inicialmente, era criar uma língua universal, de forma a melhorar e facilitar a comunicação. A ideia de aperfeiçoar línguas já existentes, com a criação de uma língua universal, se baseia no mito da Língua de Adão, presente em Gênesis “E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. [...] E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer” (Gênesis, 11:1-7). Esta citação serviu de inspiração para diversos *conlangers* que tentaram reconstruir a Língua de Adão. O objetivo era criar uma linguagem universal e compreensível a todos, que acabaria com as restrições causadas por barreiras linguísticas. Seguindo o mesmo raciocínio, os primeiros processos de criação de línguas eram “tentativas deliberadas, meticulosamente elaboradas de domar a língua, tornando-a mais ordenada, mais racional, e menos sobrecarregada com inconsistências e irregularidades”⁵ (Okrent, 2009, p.9, tradução minha).

Já os linguistas, e também *conlangers*, Emrys, Fink, e Peterson abordam a ideia de que o processo de criação de uma língua é uma forma de brincar com a língua em si, a fim de testar novas teorias e possibilidades.

Conlanging é para a linguística o que a pintura é para a história da arte, ou *hacking* para a ciência da computação. É uma forma de brincar diretamente com a língua - às vezes apenas por diversão, e às vezes para testar uma nova teoria sobre como a língua funciona com a mente (Emrys, Fink, Peterson, 2009, p.1).

⁵“They were deliberate, painstakingly crafted attempts to tame language by making it more orderly, more rational, less burdened with inconsistencies and irregularities” (Okrent, 2009, p.9).

No decorrer do tempo, houve uma mudança perceptível na motivação para a criação de línguas artificiais. Inicialmente, as motivações eram voltadas para a filosofia, a religião e a resolução de problemas de comunicação internacional. Atualmente, é comum encontrar línguas que foram criadas por motivações pessoais, como por puro hobby, entretenimento ou para a ficção. Assim, nota-se que a motivação para a criação de novas línguas varia desde a vontade de resolver problemas de comunicação internacional até motivações mais íntimas. Outro aspecto de grande influência para a criação de línguas artificiais é a classificação na qual elas se encaixam, tema abordado a seguir.

Classificação das línguas artificiais

De forma mais ampla, as *conlangs* se dividem em duas classes: i) línguas artificiais auxiliares e ii) línguas artificiais artísticas. As primeiras seguem o preceito da criação de uma língua universal, a fim de melhorar a comunicabilidade; já as línguas artificiais artísticas surgem para o entretenimento e produções ficcionais. Numa perspectiva mais abrangente, pode-se chegar a até quatro classificações:

Existem quatro tipos principais de línguas construídas. Primeiro, as chamadas línguas filosóficas, foram criadas no século XVII como uma forma de melhor captar a realidade do mundo. Em segundo lugar, muitas línguas auxiliares foram construídas no final do século XIX e início do século XX, como uma forma de resolver problemas práticos de comunicação. Terceiro, muitas línguas foram criadas nas últimas décadas para os propósitos da ficção (por exemplo, romances, filmes, televisão), especialmente nos reinos de ficção científica e fantasia, ou simplesmente como um passatempo agradável. Quarto, agora é comum construir línguas para uso em experimentos psicolinguísticos (Goodall, 2023, p.419).

Além da definição do propósito e da classificação da língua artificial, deve-se decidir a maneira que a língua será construída gramaticalmente e foneticamente. Geralmente, esse processo se divide entre: i) *a priori* e ii) *a posteriori*. “Os termos usados para descrever a forma de criação, são: *a priori* (uma língua feita do zero, sem influência de outras línguas) e *a posteriori* (uma língua feita com influências de uma ou mais línguas)”⁶ (Schreyer, 2021, p.328, tradução minha).

⁶“The terms used to describe the manner of creation are *a priori* (a language made from scratch without influence from other languages) and *a posteriori* (a language made with influences from one or more other languages)” (Schreyer, 2021, p.328).

Dentre as línguas artificiais auxiliares (*auxlangs*), a mais conhecida é o Esperanto, língua criada em 1887 pelo médico e linguista polonês Ludwig Lazar Zamenhof. Assim como as demais línguas artificiais auxiliares, o Esperanto surgiu com o propósito de ser uma língua universal. Apesar de o objetivo não ter sido alcançado, o Esperanto é a língua artificial com mais falantes no mundo. Outros exemplos de *auxlangs* incluem: Interlíngua, Volapük, Ido, entre outras.

O Klingon é uma língua artificial artística (*artlang*) criada pelo linguista Marc Okrand, em 1984, para o universo *Star Trek*. É um exemplo popular ao se mencionar as línguas artificiais artísticas, pois desde sua criação construiu uma comunidade sólida de falantes e fãs. Outra *artlang* que também se popularizou é o Dothraki, língua criada em 2011 pelo linguista David J. Peterson, especialmente para a série de televisão *Game of Thrones*, da HBO. Outros exemplos de *artlangs* incluem: Valiriano, Quenya, Sindarin, entre outras.

Observa-se que o processo de criação de línguas é minucioso e depende de várias escolhas do *conlanger*, que deve determinar: i) o propósito de criação da língua artificial, fator que automaticamente estará relacionado à sua classificação e ii) a escolha da estrutura fonética e gramatical. Além disso, aspectos sociais, culturais e geográficos também devem ser considerados no processo de construção de línguas artificiais, pois são fatores que influenciam a relação da língua artificial com a sua comunidade de falantes.

2. O espaço das línguas artificiais na sociedade

As línguas artificiais passaram por grandes transformações ao longo da história. Desde a primeira língua artificial documentada - a Língua Ignota - até as criações contemporâneas, o espaço e o reconhecimento dessas línguas na sociedade mudou. Inicialmente, era de senso comum o sentimento entre os *colangers* de que a criação de línguas artificiais era algo a se manter escondido. David Peterson chega a descrever em seu livro *The Art of Language Invention* (2015), que o processo de criação e divulgação de línguas artificiais era semelhante ao processo de “sair do armário”. Além disso, perante a sociedade, os inventores de línguas artificiais sempre foram vistos como excêntricos em busca de glória ou fama (Okrent, 2009). Dessa forma, a princípio, observa-se que as línguas artificiais não tinham prestígio para a sociedade.

Com o passar dos anos houve maior integração entre os criadores de línguas. Um exemplo disso é a Conferência de Criação de Línguas, que teve seu primeiro encontro em 2006 e desde então acontece bianualmente. Esses encontros possibilitaram maior divulgação e reconhecimento das línguas artificiais, pois era uma oportunidade para que os criadores de línguas ajudassem uns aos outros e compartilhassem suas experiências. Após a primeira conferência, surge também a Sociedade de Criadores de Línguas, uma organização sem fins lucrativos que busca promover as línguas artificiais (Schreyer, 2021). Assim, o processo de criação, que no início era realizado de forma individual e “às escondidas”, passa a ser mais comunitário.

Nesse momento, comunidades começam a se formar ao redor das línguas artificiais; e elas são conceituadas de duas formas distintas: i) comunidade de prática e ii) comunidade de fala. Eckert (2006) define a comunidade de prática como um conjunto de pessoas que se relacionam e interagem devido a um objetivo comum, seja o grupo um time de boliche, um ciclo familiar ou de amizade, ou uma congregação de igreja. A mesma autora, em contraste, conceitua a comunidade de fala como um grupo de pessoas com localidade geográfica definida e estruturada, e com categorias sociais determinadas, como por exemplo: categorias de classe, gênero, raça, idade, entre outras.

A partir dos conceitos apresentados pode-se identificar qual espécie de comunidade é construída ao redor de uma língua artificial. “Em caso de sucesso, o que se forma em torno da língua planejada é uma comunidade de prática, não uma comunidade de fala no sentido clássico”⁷ (Gobbo, 2017, p.38, tradução minha). A comunidade de criadores e falantes de línguas artificiais não tem espaço geográfico determinado e não tem categorias sociais definidas. O que compõe essa comunidade é um grupo de pessoas, que estão unidas por um objetivo específico, seja ele o de criar uma língua artificial ou aprender a falar uma. Assim, o que se constrói em torno dos *conlangers* é uma comunidade de prática. Com a criação de uma comunidade de prática, as línguas artificiais conquistam maior prestígio e começam a ocupar com mais frequência espaços físicos e virtuais na sociedade.

A ocupação desses espaços (físicos e virtuais) ocorre quando alguém começa a aplicar uma língua artificial no dia a dia. Gobbo utiliza o *Klingon* como

⁷“In case of success, what is formed around the planned language is a community of practice, not a speech community in the classic sense” (Gobbo, 2017, p.38).

exemplo para tal fenômeno: “(...) o klingoniano foi criado como uma ferramenta para roteiristas e atores da série Jornada nas Estrelas, nada mais. No entanto, alguém começou a usar o idioma de fato pela Internet e até mesmo em reuniões informais”⁸ (Gobbo, 2005, p.2, tradução minha). A língua artificial, então, deixa de ser apenas um sistema linguístico criado com propósito específico e passa a ser um sistema de comunicação com propósitos diversos. Tal como ocorreu com o *Klingon*, que deixou de ser apenas uma língua artificial artística e passou a ser um sistema de comunicação e conexão entre a comunidade de fãs da série.

A presença de línguas artificiais na sociedade: espaços físicos

As conferências de línguas artificiais foram os primeiros espaços físicos ocupados por falantes e criadores de línguas artificiais. O site da Sociedade de Criação de Línguas, descreve essas conferências como um espaço para a socialização entre *conlangers* de todas as partes do mundo. Em 1905, na França, ocorreu o primeiro Congresso Universal de Esperanto, que foi a primeira conferência sobre línguas artificiais documentada. Desde então os encontros são realizados anualmente, e são organizados pela Associação Universal de Esperanto (UEA). O Brasil já foi anfitrião do encontro duas vezes, em 1981 (Brasília) e em 2002 (Fortaleza). Além disso, em 1907 foi criada a Liga Brasileira de Esperanto, associação responsável pela comunidade esperantista no Brasil.

Para a sociedade em geral, era difícil acreditar que um evento relacionado às línguas artificiais era algo a ser levado a sério. Por isso, por muito tempo, os congressos e conferências se restringiam basicamente aos próprios *conlangers*. A linguista Arika Okrent compartilha que “a imagem mental mais clara de um congresso de Esperanto que consegui reunir foi a de cinco radicais de cabelos grisalhos em cadeiras dobráveis conversando sobre a guerra civil espanhola e suas coleções de selos”⁹ (Okrent, 2009, p.79, tradução minha). O trecho apresenta uma visão estereotipada e pejorativa sobre os criadores de línguas, retratando a falta de prestígio que os acompanhou por muito tempo. Entretanto, ao chegar ao Congresso

⁸“(…) the Klingonian was created as a tool for script writers and actors of Star Trek series, not more. Nevertheless, someone started actually using the language through the Internet and even speaking in informal meetings” (Gobbo, 2005, p.2).

⁹“The clearest mental picture of an Esperanto congress I could muster was five gray-haired radicals on folding chairs bantering about the Spanish civil war and their stamps collections” (Okrent, 2009, p.79).

de Esperanto de 2003, a própria linguista se surpreendeu ao se deparar com a proporção do evento e a união dos participantes. Os Congressos de Línguas Artificiais oferecem desde palestras linguísticas e cursos, a shows e exposições de arte. Atualmente o evento reúne não só linguistas e *conlangers*, mas diversas pessoas curiosas sobre o universo das línguas artificiais.

A presença de línguas artificiais na sociedade: espaços virtuais

Apesar do sucesso das conferências de línguas artificiais e de sua importância como espaço físico de socialização, a propagação dessas línguas se destaca, principalmente, nos espaços virtuais. “O Esperanto nunca teve seu pedaço de terra firme. Em vez disso, os defensores do Esperanto se contentaram com uma pátria virtual. A *Esperantoland* está localizada onde quer que as pessoas estejam falando Esperanto”¹⁰ (Okrent, 2009, p.78, tradução minha). A *Esperantoland* nada mais é do que uma comunidade virtual, onde, de forma semelhante ao que ocorre nos congressos e conferências de línguas artificiais, as pessoas podem compartilhar suas experiências em relação às línguas artificiais.

Dessa forma, os espaços virtuais se tornam um ambiente propício para a ascensão das línguas artificiais, pois podem ser acessados por qualquer pessoa, e de qualquer local do mundo. “Antes da internet, um criador de línguas tinha que lançar uma *conlang* publicando um livro com gramática básica, dicionário e exemplos de textos; hoje em dia, ele publica um site na internet”¹¹ (Gobbo, 2005, p.1, tradução minha).

Existem diversos sites e fóruns de discussão onde é possível compartilhar conhecimento sobre línguas artificiais. Os criadores e falantes de línguas artificiais formaram comunidades virtuais sólidas, ou seja, a presença das línguas artificiais no ambiente virtual é grande. Com a ocupação desses espaços na sociedade, a comunidade *conlanger* conquista, também, outros grandes feitos.

As línguas artificiais passam a estabelecer relações sociais e culturais com a sociedade. “É lugar-comum na história da humanidade a existência das línguas naturais como resposta às necessidades de o homem viver em sociedade,

¹⁰ “*Esperanto never got its piece of terra firma. Instead, the proponents of Esperanto have made do with a virtual homeland. Esperantoland is located wherever people are speaking Esperanto*” (Okrent, 2009, p.78).

¹¹ “*(...) before the web, a langmaker had to launch a conlang publishing a book with base grammar, dictionary and sample texts; nowadays, he publishes a website*” (Gobbo, 2005, p.1).

compartilhando e transmitindo experiências, práticas e pensamentos aos seus pares” (Furtado *et al.*, 2006, p.92). Esse fenômeno facilmente se aplica às línguas artificiais, que da mesma forma são criadas em resposta às necessidades de o homem viver em sociedade. O que difere, por sua vez, é a forma pela qual tal fenômeno ocorre. Enquanto com uma língua natural a relação sociolinguística ocorre espontaneamente, com uma língua artificial essa relação, por muitas vezes, tem que ser construída.

3. Línguas artificiais: ciberespaço, cibercultura e a construção de mundos

Ciberespaço e cibercultura

Como apresentado anteriormente, as manifestações culturais e artísticas dos falantes de línguas artificiais geralmente são encontradas nos congressos e conferências de línguas artificiais. Entretanto, as comunidades virtuais têm um papel crucial na difusão da cultura e do universo *conlanger* na sociedade. “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (Lévy, 2010, p.128). Ou seja, é criado um espaço virtual (ciberespaço) onde uma comunidade de falantes expressa sua cultura e identidade, o que é caracterizado como cibercultura. É importante diferenciar esses conceitos, para compreender como as línguas artificiais se relacionam a cada um. Para isso será utilizada a visão do mesmo autor, que define o ciberespaço como:

O novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 2010, p.15-16).

A cibercultura, por sua vez, é definida como:

(...) a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O

apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (Lévy, 2010, p.130).

Dessa forma, compreende-se que os conceitos se relacionam, ou seja, “o ciberespaço abre caminhos para a cibercultura, pela qual a produção e a disseminação de informações são pautadas pelo dispositivo comunicacional todos-todos. Assim, não há apenas um emissor, mas milhares” (Kanehide, Tellaroli, 2008, p.2).

A Sociedade dos Criadores de Línguas - *Language Creation Society* - é um exemplo claro da cibercultura em sua forma prática. O site oficial fornece informações gerais, para os curiosos e leigos de qualquer lugar do mundo, sobre as línguas artificiais. Além disso, é um espaço que reúne literatura sobre línguas artificiais, oportunidades de contratação de conlangers e informações sobre as conferências das línguas artificiais.

World-building: construindo mundos

Ao elaborar uma língua artificial, deve-se analisar, primeiramente, o contexto em que a língua será inserida. “Uma boa compreensão inicial do contexto (real ou fictício) no qual esse idioma existirá ajudará a moldar todas as outras decisões que você tomar para o idioma”¹² (Emrys, Fink, Peterson 2009, p.4, tradução minha). O contexto mencionado se refere à questões como: i) a língua será falada por uma comunidade real ou ficcional? ii) quem são os falantes da língua? iii) a língua recebe influência de estruturas gramaticais e fonéticas existentes (modelo *à priori*) ou iv) a língua não recebe influência de estruturas gramaticais e fonéticas existentes (modelo *à posteriori*). A depender das respostas, será necessário criar o meio social e cultural que estará relacionado à língua artificial. Para isso, a técnica de *world-building* é utilizada.

Para Schreyer (2021) “*world-building*” é o processo de desenvolvimento de realidades alternativas para produções artísticas. O *website The World Building Institute* apresenta outra definição, um pouco mais abrangente:

¹² “A good upfront understanding of the context (real or fictional) in which this language will exist will help to shape all other decisions you make for the language” (Emrys, Fink, Peterson, 2009, p.4).

World-Building se baseia em três crenças, isto é, que a narração de histórias é o sistema mais poderoso para o avanço da capacidade humana, devido à sua capacidade de permitir que a imaginação humana preceda a realização do pensamento; que todas as histórias emergem logicamente e intuitivamente dos mundos que as criam; e que as novas tecnologias nos permitem esculpir a imaginação na existência¹³ (*The World Building Institute*, 2025, p.1, tradução minha).

No artigo “*The Culture of Conlanging: What Can We Learn About Culture from Created Languages?!?*”, Christine Schreyer descreve sua experiência ao ministrar um curso sobre a criação de línguas artificiais. A professora e linguista relata que “(...) os alunos também perceberam que, para criar um idioma, precisariam pensar em quem seriam os falantes do idioma, bem como em como seria sua cultura”¹⁴ (Schreyer, 2013, p.4, tradução minha). Disso se trata o conceito de *world-building*, que de forma literal é definido como o processo de construção de mundos. Tal etapa é relevante, pois é o que vai caracterizar a relação cultural e social da língua artificial e sua comunidade de falantes.

Alguns estudantes de Schreyer compartilharam suas experiências durante o curso. Louisa McGlinchey relata que “com esse projeto, pude refletir sobre as maneiras pelas quais o idioma e a cultura não estão apenas conectados, mas existem e se desenvolvem como um autêntico todo integrado”¹⁵ (McGlinchey, 2013, p.4, tradução minha). Tara Wolkosky, observa que “não só foi necessário ter uma cultura para criar todo e qualquer elemento linguístico necessário para um idioma, mas isso também demonstrou e me ensinou a importância da relatividade cultural e linguística”¹⁶ (Wolkosky, 2013, p.4, tradução minha).

A importância da construção de mundos para a criação de uma língua artificial foi estabelecida, resta compreender como isso influencia culturalmente uma sociedade. De acordo com Adams “A invenção de uma língua pode promover interseções de cultura e ideologia, ou fornecer uma voz política ou cultural àqueles

¹³ “*World Building is founded on three beliefs, namely that storytelling is the most powerful system for the advancement of human capability due to its ability to allow the human imagination to precede the realization of thought; that all stories emerge logically and intuitively from the worlds that create them; and that new technologies powerfully enable us to sculpt the imagination into existence*” (*The World Building Institute*, 2025, p.1).

¹⁴ “*Students also realized that in order to create a language they would need to think about whom the speakers were that would be speaking the language, as well as what their culture might be like*” (Schreyer, 2013, p.4).

¹⁵ “*With this project, I have been able to reflect on the ways in which language and culture are not only connected, but exist and develop as an authentic integrated whole*” (McGlinchey, 2013, p.4).

¹⁶ “*Not only was it necessary to have a culture in order to create any and all of the linguistic elements needed for a language, but it also demonstrated and taught me the importance of cultural and linguistic relativity*” (Wolkosky, 2013, p.4).

silenciados ou inibidos pela linguagem natural (ou pela falta dela)”¹⁷ (Adams, 2011, p.12, tradução minha). Pode-se citar como exemplo, o caso do jovem Aaron Simon’s, um homem transsexual, que criou sua própria língua artificial como uma ferramenta que o ajudasse a entender o mundo ao seu redor durante sua transição. Além disso, Aaron encontrou conforto e segurança em uma língua que podia usar como forma de expressão, sem que seus pais o compreendessem (Schreyer, 2021).

Assim, as línguas artificiais estabelecem uma relação cultural e social com a sua comunidade de falantes, e são usadas como forma de expressão e identidade. O Esperanto, por exemplo, foi criado com o objetivo claro de auxiliar na comunicação internacional, mas com o passar dos anos a comunidade de falantes começou a utilizar a língua em contextos diversos como uma forma de expressão. Atualmente, os falantes do idioma tem até mesmo uma nomenclatura e se denominam “esperantistas”, termo que abrange a cultura esperantista existente ao redor da língua artificial em si. Dessa forma, os indivíduos deixam de ser apenas falantes de uma língua artificial, que foi criada com algum motivo específico, e passam a carregar a identidade da língua que falam.

Considerações finais

Em suma, o que diferencia as línguas artificiais das línguas naturais, é que no primeiro caso a língua é criada e planejada propositalmente, enquanto no segundo a língua surge espontaneamente. As línguas artificiais podem ter diversas classificações, porém essa pesquisa explora especificamente as línguas artificiais artísticas e línguas artificiais auxiliares. A primeira diz respeito às línguas criadas para produções artísticas ou entretenimento; já a segunda abrange as línguas criadas para o auxílio na comunicação internacional. A criação de uma língua artificial depende de alguma motivação específica; essas motivações variam de acordo com o criador da língua e também o objetivo da língua. As motivações podem ser religiosas, artísticas, políticas, entre outras.

A relação entre línguas artificiais, cultura e sociedade se dá de duas formas distintas: i) presença das línguas artificiais em espaços físicos (conferências, cursos e palestras) e ii) presença das línguas artificiais em espaços virtuais (websites,

¹⁷ “*Inventing a language may promote intersections of culture and ideology, or provide a political or cultural voice to those silenced or inhibited by natural language (or the lack of it)*” (Adams, 2011, p.12).

aplicativos, entre outros). Em ambos os casos a cultura *conlanger* é disseminada por meio de sua comunidade de falantes. Todavia, nota-se que a ocupação dos espaços virtuais é maior e mais sólida, já que as comunidades virtuais presentes no ciberespaço são livres de barreiras físicas e geográficas. Além disso, o ciberespaço abre caminho para a cibercultura, que se trata da expressão cultural exercida pelas comunidades virtuais.

Essa pesquisa teve como objetivo compreender o espaço das línguas artificiais na sociedade, relacionando línguas artificiais com cultura e sociedade. Ao final da pesquisa, constatou-se que: i) a motivação para a criação de línguas artificiais é bem variada, ii) as línguas artificiais ocupam espaços físicos e também espaços virtuais e iii) as línguas artificiais se relacionam à sociedade por meio de sua comunidade de falantes, que exerce a cultura *conlanger* de formas distintas.

Referências bibliográficas

ADAMS, M. **From Elvish to Klingon : exploring invented languages**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011.

ECKERT, P. Communities of Practice. **Encyclopedia of Language & Linguistics**, p. 683–685, 2006.

FURTADO, C. M. N. M. et al. Língua - Sociedade - Cultura: uma relação indissociável. **Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, v. 1, n. 14, p. 92, 9 dez. 2006.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. [s.l.] Éditeur: São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBO, F. Are planned languages less complex than natural languages? **Language Sciences**, v. 60, p. 36–52, mar. 2017.

GOBBO, F. The Digital Way to Spread Conlangs. **Language @t work: language learning, discourse and translation studies in Internet**, 1 jan. 2005.

GOODALL, G. Constructed Languages. **Annual Review of Linguistics**, v. 9, n. 1, 6 set. 2022.

IJUIM, J. K.; TAÍS MARINA TELLAROLI. **Comunicação no mundo globalizado – Tendências no século XXI**. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36666>>. Acesso em: 24 jan. 2025.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo (Sp): Ed. 34, 2010.

MIRANDA, L. Conlangs, Línguas Construídas em Tempos de Internet. **Revista de Ensino Educação e Ciências Humanas**, v. 11, n. 2, 1 jan. 2010.

OKRENT, A. **In the Land of Invented Languages**. [s.l.] Random House, 2009.

PETERSON, D. J. **Art of Language Invention**. [s.l.] Penguin Publishing Group, 2015.

ROWAN, ROBIN. 2020. "The Secret World of Conlanging – An Overview of Tolkien's "Secret Vice"." FL-000084-00, Fiat Lingua, <<http://fiatlingua.org>>. Web. 01 September 2022.

SCHREYER, C. "The Culture of Conlanging: What Can We Learn About Culture from Created Languages?" FL-000017-00, Fiat Lingua, <<http://fiatlingua.org>>. Web. 01 Aug.2013.

SCHREYER, C. Constructed Languages. **Annual Review of Anthropology**, v. 50, n. 1, p. 327–344, 21 out. 2021.

ZAMENHOF, L. L. (LUDWIK LEJZER), 1859-1917. **Fundamenta Krestomatio**. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/8224/pg8224-images.html>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Sites:

Language Creation Society | Welcome to conlang.org. Disponível em: <<https://conlang.org/>>.

Liga Brasileira de Esperanto. Disponível em: <<https://esperanto.org.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Universala Esperanto-Asocio: What is UEA? Disponível em: <<https://uea.org/>>.

World Building Institute | The Future of Narrative Media. Disponível em: <<https://worldbuilding.institute/>>.